

## NOTAS SOLTAS DE NUMISMÁTICA HISPÂNICA (2)

António Marques de FARIA\*

Fecha de recepción: 20/06/2021  
Fecha de aceptación: 19/07/2021**Resumen**

Con este artículo decidimos dar seguimiento a las notas que hemos publicado en el número anterior de esta misma revista (Faria, 2020). Las cuestiones de orden epigráfico y lingüístico continúan mereciendo la mayor parte de nuestras reflexiones, fruto de una actitud crítica hacia el tratamiento que temas similares han recibido por parte de diversos investigadores en los últimos años. Para evitar posibles malentendidos, creemos que vale la pena alertar una vez más a los lectores interesados sobre la discreción que se utiliza en la denominación de las cecas que, siguiendo un orden alfabético, sirven de marco para nuestros comentarios.

PALABRAS CLAVE: Antroponimia, Hispania, numismática antigua peninsular

**Abstract**

With this paper, we decided to follow up on the notes we published in the previous issue of this same journal (Faria, 2020). Questions of epigraphic and linguistic order continue to deserve most of our attention, resulting from a critical approach towards the treatment that similar subjects have received from various researchers in recent years. In order to prevent possible misunderstandings, we believe that it is worth alerting interested readers once again to the discretion used in naming the mints that, listed alphabetically, serve as a framework for our comments.

KEYWORDS: Anthroponymy, Hispania, Ancient Coinage, Iberian Peninsula

***Baetulo < PaiTolo / \*Baitolo***

Muito do que figura nas duas páginas que Ferrer & Sinner (2019, pp. 152–153) dedicaram à análise de **PaiTolo**, NL que se descobriu estar igualmente documentado por duas vezes num cepo de âncora (Ferrer & Sinner, 2019, *passim*), já constava de diversos textos da nossa lavra, pelo que é absolutamente gritante a carência de bibliografia associada ao tratamento do tema ensaiado por aqueles autores. Referimo-nos especificamente à segmentação do dito NL e dos vários paralelos que apresentámos para cada um dos seus componentes (Faria, 1995a, pp. 323–324, 326; 1997, p. 111; 2000a, p. 133; 2002a, pp. 124, 129; 2003a, pp. 313–314, 318; 2003b, pp. 222–223; 2004b, p. 310; 2007a, p. 215; 2008a [2009a], p. 147; 2010 [2011], p. 93; 2011 [2012], pp. 150, 162, 175; 2014, p. 171; v. igualmente Moret, 1996, pp. 19–20; 2002, pp. 96–99).

A maior novidade com que nos deparámos neste estudo reside na sugestão formulada pelos respectivos autores (Ferrer & Sinner, 2019, p. 160) no sentido de o NL *\*Baitolo > Baetulo* se reportar inicialmente ao nome do rio que banhava esta localidade, tendo igualmente sido contemplada por ambos a interpretação das inscrições gravadas

\* Direção Geral do Património Cultural (Lisboa). E-mail: [afaria@dGPC.pt](mailto:afaria@dGPC.pt)

no cepo de âncora como referentes ao nome de uma nave, denominada a partir de uma presumível divindade com o mesmo nome (Ferrer & Sinner, 2019, pp. 156–157).

Aproveitamos esta ocasião para corrigir Gorrochategui (2018, p. 143), que transliterou erroneamente por duas vezes como **baitulo** a legenda monetária **PaiTolo**.

### *Bailo*

É preocupante constatar a facilidade com que é possível adulterar, mais por ignorância do que por dolo, determinadas ideias, mesmo aquelas que foram expostas por diversas vezes. Veja-se o caso do nome do magistrado gravado no reverso da emissão CNH 124:1, 6, que, na esteira de Curchin (1990, p. 140, n.º 28), transcrevemos sistematicamente como L ‘AP’O(*nus*) (Faria, 1994a, p. 39, n.º 45; 1996, p. 153; 2002a, p. 136). Não obstante, Moreno (2014, p. 365), na sua tese de doutoramento, quis persuadir os seus leitores de que transformámos o sobredito NP numa pretensa “fórmula administrativa púnica traducida al latín”: L(*ex*) A(*ere*) P(*ublico*) DEC(*reto*) Q(*uaestor*) F(*ecit*). Queremos acreditar que um tal desacerto resulta de um domínio algo deficiente da língua portuguesa. Já não víamos as nossas ideias tão deturpadas desde que Novillo (2012, pp. 268, 281, 291) nos imputou afirmações que se encontram nos antípodas das que efectivamente foram produzidas. É bom recordar que, segundo este autor, “Sexto Pompeyo emitió moneda en esta ceca [*Baelo*] por medio de su lugarteniente L. Apuleyo Deciano” (Novillo, 2012, p. 142, n. 438).

### *\*Belse / \*Bersa / < Pelse*

Já por mais de uma vez equacionámos a eventualidade de este NL, atestado em CNH 42:41a, 44:54 e 52:105, estar na origem do gentílico atestado no Bronze de Ascoli (ILLVERSENSIS) e em Plínio (*nat.* 3.24) (*Ilursenses*): *\*Illuversa* < *\*Ildubelse* < *\*Belse* (Faria, 1995a, pp. 324–325; 1998a, p. 230; 1999a, p. 155; 2003b, p. 217; 2006a, p. 120; 2007b, p. 167; 2012, p. 92). Outra hipótese, também da nossa responsabilidade, consistiria em filiar o dito gentílico no NL *\*Bersa*, designação da cidade a situar em território hispânico, nas proximidades do vale médio do Ebro, possivelmente a norte deste rio (Faria, 1994b, p. 65), de nome igual à que se localiza na Narbonense, testemunhada em CNH 439:1–2 (Faria, 1994b, p. 65; 1995a, pp. 324–325; 1995b, pp. 80–81; 1999a, p. 155; 2003b, p. 217; 2004a, p. 177; 2005a, p. 278; 2009 [2010], pp. 163–164; 2012, p. 92; 2017, p. 89). No pressuposto, perfeitamente razoável, de que uma das duas hipóteses corresponde à realidade, não faz grande sentido afirmar que o NL subjacente ao gentílico ILLVERSENSIS não conhece qualquer outra atestação (*contra*, De Hoz, 2011, p. 43; *MLH* VI, p. 445).

Afastando-nos, contudo, da postura dogmática assumida por outros investigadores, importa equacionar a hipótese, aventada por Untermann (*MLH* VI, p. 445), de o NL subjacente ao gentílico em questão poder segmentar-se em *\*ildu·ers·a* (nada faz supor que estejamos perante *\*Illuersum* ou *\*Illuersis*) ou mesmo *\*ildu·ers·e*. Nesta circunstância, haveria que identificar o segundo membro do composto com o elemento inicial do NP ibérico — e não lígure (*contra*, Correa, 1992, p. 267, n. 52; 1993, p. 115; 2001, p. 311, n. 40 — **erscon** (Faria, 1991a, p. 190; 1994b, pp. 67, 70; 1998b, p. 236; 1999a, p. 155; 2001a, p. 103; 2002a, p. 134; 2004b, pp. 283–284; 2012, p. 95).

Configurando os *Ilursenses* referidos por Plínio (*nat.* 3.24) uma versão deturpada de *Il(l)uersenses* (Gatti, 1908, p. 212; Schuchardt, 1909, p. 238; Faria, 1995a, pp. 324–325; 1999a, p. 155), não deve ser atribuído qualquer crédito à tentativa

empreendida por Pocklington (2010, p. 118; 2020, p. 154) no sentido de fazer remontar o (adulterado) testemunho pliniano a uma cidade denominada \**Ilursa*, um NL cuja existência também foi postulada por outros autores (Keune, 1918, col. 1237; Pérez Vilatela, 1991, p. 35; Villar, 2002, pp. 64, 68).

Muito embora não seja este o tema aqui em discussão, tão-pouco o NL *Orcera* (Jaén) deverá remeter para *Ursaria* (Capalvo, 1996, pp. 130–131; Canto, 1999, p. 153, n. 104; Faria, 2003b, p. 221; *contra*, Pocklington, 2010, p. 120; 2020, p. 152).

Há poucos anos, no início do verbete que dedicámos à legenda monetária **Persa** (CNH 439:1–2) (Faria, 2017, p. 89), demos a entender que a mesma poderia reenviar para um NL \**Belse*; como não podia deixar de ser, tal hipótese não passou de um lapso da nossa parte, emergindo \**Bersa* como a única solução aceitável (Faria, 1994b, p. 65; 1995b, pp. 80–81, 2005a, p. 278; 2008b [2009b], p. 66; 2010 [2011], p. 93; 2014, p. 170; 2015, p. 137).

Inexplicavelmente, Untermann (*MLH* VI, p. 142) manifestou dúvidas respeitantes à natureza toponímica da legenda **Persa**.

### ***Biscargi(s)* / PisCarCi**

Durante muito tempo, o NL em questão foi somente conhecido através das fontes clássicas sob a forma *Biscargi(s)* (Ptol. *Geogr.* 2.6.63; Plin. *nat.* 3.23), até ser identificado por nós como ceca na legenda monetária ibérica **PisCarCi** (Faria, 1996, p. 177; 1999a, p. 153; 2000a, p. 126; 2004a, p. 186). Importa assinalar que uma tal descoberta foi recentemente questionada por Moncunill & Velaza (*MLH* V 2, p. 509), que não hesitaram em reconhecer Ferrer & *alii* (2012, p. 40, n. 6) como autores da atribuição da legenda **CarCi** (CNH 41:31) a esta mesma ceca. Trata-se, no entanto, de um reconhecimento totalmente abusivo, sendo também de lamentar que Vidal (2015, p. 79) tenha decidido omitir a bibliografia concernente a este tema.

Importa ainda referir que a supracitada legenda foi erroneamente transliterada por Untermann (*MLH* VI, p. 225) como **JurCi**.

O membro inicial deste NL só poderá ser o segmento ibérico/pbasc. *biscar* > basc. *bizkar* ‘costas, ombro, cume, colina’ (Bähr, 1948, p. 442; Michelena, 1985 [1955], p. 366; 1958, pp. 37–38; 1997<sup>5</sup>, p. 76; Irigoyen, 1987, pp. 136, 146; Faria, 1996, p. 177; 1999a, pp. 153–154; 2000a, p. 126; Trask, 1997, p. 332; Pérez Orozco, 2007, p. 100; Untermann, 1998, p. 81, n. 41; Orpustan, 2010, p. 26; Ferrer, 2012, pp. 29, 30; Silgo, 2013, p. 98; Vidal, 2015, p. 79).

Nem mesmo a existência do orónimo *Vizcargui* (Bähr, 1948, p. 444; Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 76; Irigoyen, 1986, p. 248; Iglesias, 2000, p. 14; 2008, p. 86) em território bascófono (concretamente na província da Biscaia) conseguiu dissuadir Gorrochategui (2018, p. 101; 2019, p. 67) de, tacitamente, preceituar origens distintas para ambos os nomes próprios, ao rejeitar de modo explícito a ocorrência de *biscar* no repertório onomástico ibérico. Do nosso ponto de vista, seria um erro conformarmo-nos com o imobilismo de quem, como Gorrochategui (2018, pp. 96–101), se recusa a procurar possíveis significados para determinados lexemas ibéricos com base nas afinidades entre o léxico que integra este idioma e o que pertence ao basco, alegando que uma tal iniciativa está condenada ao fracasso pelo facto de nada se conhecer acerca língua ibérica, um juízo, que, entre outros, já havia sido assumido por Trask (1997, p. 382).

A tentativa de Michelena (1997<sup>5</sup>, p. 76) fazer remontar o orónimo biscainho *Vizcargui* / *Biscargui* a \**bizkar-egi*, em detrimento de \**bizkar-gi*, uma conjectura que já havia sido formulada por Luchaire (1879, p. 152), parece ser o resultado de um preconceito tendente a negar, com maior ou menor grau de convicção, qualquer

analogia entre o basco e o ibero. Deverá ser este mesmo preconceito que, levado ao extremo, permitiu a Lakarra (2010, pp. 216, n. 85, 230) preceituar a filiação de *bizkar* em *\*gwizbar < \*goi-(z)-bar*.

**PisCarCi** poderá segmentar-se em **PisCar·Ci** — *\*Biscar·ci* (Luján, 2005 [2006], p. 481; 2007, p. 75; Ballester, 2013a, pp. 36–37) ou *Biscar·gi* (Faria, 1996, p. 177; 1998a, p. 230; 1999a, p. 153; 1999b, p. 277; 2000a, p. 126; 2002a, pp. 123, 129; 2004a, p. 186; 2012, p. 89; 2014, p. 168; Pérez Orozco, 2006, p. 27; Ballester, 2010, p. 165) —, caso não consista numa versão haplológica de *\*Bisca(ar)gi* (Faria, 2000a, p. 126; 2007b, p. 163; 2012, p. 89; 2014, p. 168; Pérez Orozco, 2007, p. 100).

Tal como Luján (2005 [2006], p. 481, 2007, p. 75), Ballester (2010, p. 165, 2013a, pp. 36–37), Curchin (2011, p. 311) e Cortés (2016, p. 35), também Untermann (*MLH* VI, p. 275) nunca chegou a aceitar a existência desta legenda monetária, tendo, além do mais, chegado ao ponto de asseverar não existirem indícios sólidos de como segmentar adequadamente o NL *Biscargis*.

No artigo supracitado, Cortés (2016, p. 35) invocou o fantasioso NP **Sacarbiscar** como *comparandum* para *Biscargi(s)*. Convirá, no entanto, sublinhar que passaram mais de três décadas desde o momento em que **Sacarbiscar** deu lugar a **saCarPaś** (*MLH* III 1, pp. 215, 230; Faria, 1990–1991, pp. 78, 87; 2006a, p. 118). Esta mesma correcção passou igualmente despercebida a García (2005 [2006], p. 237, n. 5), a Luján (2005 [2006], p. 481), a Curchin (2011, p. 311) e a Vidal (2015, p. 79). É preocupante verificar que, na obra póstuma de Untermann (*MLH* VI, p. 275), o NP **saCarPaś** surge deturpado sob a transliteração **saCarPisCaTe** (!). Aliás, já tivemos o ensejo de assinalar em parágrafo anterior que o contributo de Untermann (*MLH* VI, p. 275) dedicado ao presente NL não faz jus ao rigor que habitualmente se encontra plasmado nas obras deste insigne linguista.

Na eventualidade de ser *-ci* o segmento final a individualizar em **PisCarCi** / *Biscargi(s)*, aquele poderá corresponder a um morfema sufixal possuidor de um dos seguintes significados:

- a) sufixo de valor diminutivo comparável ao que se documenta toponímia basca a partir de meados do século XI (Salaberri, 2008, p. 138; 2019, p. 170). Já Ballester (2013a, p. 37) havia entrevisto a possibilidade de estarmos perante um sufixo dotado daquele valor, sem, no entanto, aludir à sua ocorrência na toponímia basca medieval;
- b) sufixo próprio de>NNL, dotado de um significado afim de ‘casas, vila, povoado’ (Luchaire, 1879, p. 170; Silgo, 2013, p. 40).
- c) sufixo pluralizador (Rodríguez, 2005, p. 31; Pérez Orozco, 2006, p. 27; Silgo, 2013, p. 40);

É de admitir que o mesmo sufixo/morfema, independentemente do valor que se lhe atribua, possa ser individualizado nas legendas em *scriptio continua* **ařsCiTař** (*CNH* 305:9–26) e **řaiTaPiCiTarPan** (Ripollès, 2001, pp. 167, 169), circunstância que possibilitaria, no caso de se tratar de sufixo de valor diminutivo, uma analogia de **řaiTaPiCi** com o NL Σαταβίκουλα (Ptol. *Geogr.* 2.6.61). Trata-se, no entanto, de uma proposta que formulamos com todas as reservas.

De qualquer modo, seja qual for o verdadeiro significado de *-ci* / *-gi* em **ařsCiTař**, é completamente seguro que este último lexema não conforma um NP (Faria, 2003a, p. 321; 2003b, p. 225; 2004b, p. 295; 2008b [2009b], p. 63), ao arrepio das pretensões manifestadas por Rodríguez (2002a [2003a], p. 41; 2002b [2003b], p. 246, n. 3).

O segmento segmento ibérico *biscar* ocorre igualmente no NP ARBISCAR (EDCS-19900038) (Bähr, 1948, p. 442; Michelena, 1985 [1955], p. 366; 1997<sup>5</sup>, p. 76; Irigoyen, 1987, pp. 136, 146; Trask, 1997, p. 332; Untermann, 1998, p. 81, n. 41; Silgo, 2009 [2010], p. 142; Faria, 1999a, p. 153; 2000a, p. 126; 2004b, p. 294; 2014, p. 168). Já no que toca ao primeiro componente deste mesmo NP, será mais difícil determinar se estamos perante *ar/ar* (Faria, 1999a, pp. 153–154; 2000a, p. 126; 2003a, p. 321; 2014, p. 168) ou *arbi* (Schuchardt, 1909, p. 245; Untermann, *MLH* III 1, p. 210; 1998, p. 81, n. 41; Faria, 2014, p. 168).

Seguindo os passos de Gorrochategui (2018, p. 101; 2019, p. 67), Simón (2020, p. 108) preferiu dar novo alento a *arbi·iscar*, a velha segmentação alvitrada tanto por De Hoz (1976, p. 257: *arb·iscar* [sic]) como por Untermann (1979, p. 47: *arbi·scar*; *MLH* III 1, pp. 210, 225), nada indiciando que o NP mencionado no Bronze de Ascoli conte com um paralelo em escrita ibérica: \***arPiśCař** (contra, *MLH* III 1, pp. 210, 225; *MLH* V 1, p. 102; Correa, 1994, p. 270; Gorrochategui, 2018, p. 101; 2019, p. 67; Simón, 2020, pp. 38, 108). Tal como vimos noutra ocasião (Faria, 2012, p. 90), este último NP, identificado por Silgo (2001, p. 348), deve transliterar-se como **arPiśař** (Untermann, 2002 [2003], p. 357, n. 7).

Efectivamente, além das óbvias diferenças de ordem paleográfica sobretudo no tocante ao quinto signo, não há qualquer motivo para ler em E.5.4 o presumível NP \***arPiśCař**, já que, à luz da comparação com a legenda monetária objecto da presente nota (Faria, 1996, p. 177; 1999a, pp. 153–154; 2000a, p. 126; 2014, p. 168; Ferrer, 2012, pp. 29, 30), esperar-se-ia \***arPisCar**.

Durante algum tempo, Rodríguez (2002c [2003c], pp. 254, 262) seguiu Untermann no reconhecimento da existência de \***arPiśCař**, mas, pouco depois, deixou de o fazer (Rodríguez, 2002–2003 [2004], p. 371; 2014, p. 111), sem que tivesse tido a hombridade de mencionar os nomes de quem o instruiu (Faria, 1999a, p. 153; 2004a, p. 176; Silgo, 2001, p. 348).

### Castulo / CaśTilo

Consideramos, na esteira de Beltrán Lloris (1978, p. 207, n. 18), que SACAL (Faria, 1994a, p. 53, n.º 327), IS CER (Faria, 1994a, p. 46, n.º 193) e SOCED (Faria, 1994a, p. 54, n.º 352), NNP que figuram na emissão CNH 332:14, correspondem a três magistrados distintos. Qualquer deles poderá constituir um nome simples (“Kurzname”) ou, com maior grau de verosimilhança, o primeiro elemento de um NP composto. SACAL conformaria, assim, um NP autónomo, presumivelmente abreviado, devendo o eventual segundo componente começar por uma lateral que assimilaria a vibrante de SACAR, à imagem de **saCalaCu** < \**sacarlacu* (G.1.6), **PiulaCos** < \**biurlacos* (CNH 313:74) (*MLH* III 1, p. 154 e n. 32) e, eventualmente, de SCAL(L)ABI(S) < \**iscarlabi* / \**iścarlabi* (Faria, 1999a, p. 154). Jamais afirmámos (nem tal afirmação faria qualquer sentido) que a lateral presente em SACAL pudesse abreviar um *nomen* ou um *praenomen* (contra, Silgo, 2000, pp. 285, 289).

Não há, pois, que ver em SACAL o primeiro componente do NP SACALIS CER, tal como supôs Simón (2020, pp. 139–140, n.º 84). Na mesma ceca, encontram-se documentados dois indivíduos denominados M(*arcus*) IS C(er...) (Faria, 1994a, p. 46, n.º 194) e Q(*uintus*) IS C(er...) F(*ilius*) (Faria, 1994a, p. 52, n.º 316) — ambos ausentes, tal como L(*ucius*) QVL(es...) F(*ilius*) (Faria, 1994a, p. 47, n.º 221), do catálogo compilado por Simón (2020) —, podendo qualquer destes identificar-se com o IS CER da presente emissão (Faria, 1991b, p. 16). Por outro lado, se IS CER fosse o segundo

componente do NP SACALISCER, seria este o único NP ibérico gravado integralmente em moedas castulonenses.

Foquemo-nos agora sobre SOCED, nome que Ferrer (2021a, p. 108) considera ser “un possible magistrat de la seca de Salacia”. A localização deste vocábulo no exergo do reverso da emissão castulonense em análise não pode ser considerada motivo suficiente para descartar a sua interpretação como NP (Faria, 1994a, p. 54, n.º 352; 1995b, p. 85; 2001a, pp. 102–103; 2003b, p. 225; *contra*, De Hoz, 1989, p. 560), sendo esse mesmo o espaço que ocupam os NNP P(*ublius*) COE(*lius*) (Faria, 1994a, p. 43, n.º 120) e A(*ulus*) POS(*tumius*) (Faria, 1994a, p. 52, n.º 308) respectivamente nos reversos de CNH 338:57 e de CNH 338:58, também pertencentes à ceca de *Castulo*. Estamos, por conseguinte, persuadidos de que SACAL(...), ISCER(...) e SOCED(...) constituem os nomes abreviados dos indivíduos integrantes de um dos quatro “triumviratos” atestados nas moedas de *Castulo* (Faria, 1994a, p. 36), colégios erradamente considerados por Simón (2020, p. 140), pelo número dos seus membros, a exceção à regra, sendo os outros formados pelos seguintes magistrados:

- M(*arcus*) ISC(*er...*)  
C(*aius*) AEL(*ius*)  
M(*arcus*) FVL(*uius*) (CNH 338:56)
- AP(*pius*) CLO(*dus*)  
C(*aius*) AVF(*idius*)  
A(*ulus*) POS(*tumius*) (CNH 338:58)
- L(*ucius*) QVL(*es...*) F(*ilius*)  
Q(*uintus*) ISC(*er...*) F(*ilius*)  
M(*arcus*) (C...) F(*ilius*) (CNH 339:70, 71).

### *Egelesta* < \**Igale* / iCale(n)sCen

Resumindo a nossa perspectiva sobre o gentílico **iCale(n)sCen** (gen. pl.), acreditamos que o mesmo remonta ao NL ibérico \**Igale* > Ἰγλήτας (ac. pl.) (Strab. *Geogr.* 3.4.19) (Gómez-Moreno, 1934, p. 189; 1949, p. 185; Beltrán Villagrasa, 1954, p. 24; Faria, 1991b, p. 15; 1992, p. 45; 2002b, p. 234; 2003b, p. 220; 2005a pp. 280–281; 2005b, p. 164; 2007b, p. 171; 2012, p. 97; 2013, p. 122) — e não a \**Igales*, tal como pretendiam Quesada & García-Bellido (2005, p. 67), agora seguidos por Sabaté (2020, p. 500). Ainda do nosso ponto de vista, terá sido \**Igale* a dar origem ao gentílico latinizado *Egelestani*. Foi a partir deste último que o NL *Egelesta* se formou, naturalmente pelo processo designado por derivação regressiva (Quesada & García-Bellido, 2005, p. 67). Não há, por conseguinte, no presente NL, que atribuir a *-ta* a categoria de sufixo ibérico, uma convicção de Luján (2007, pp. 63, 64) também acolhida por Sabaté (2020, p. 500). Assim, em *Egelesta*, o único sufixo com aquela matriz linguística é o formador de gentílicos *-s*, inadvertidamente incorporado no gentílico latino (Faria, 2009 [2010], p. 162; 2013, p. 192). Do que acima deixamos expresso, fica bem à vista a nossa divergência com Silgo (2013, p. 152) na diferenciação por ele operada entre \**Igale* e *Egelesta* (designações que, segundo este investigador, corresponderiam as duas cidades distintas). Não poderemos apoiar o referido iberista na exegese do NL *Egelesta* (Silgo, 2013, pp. 133–134), já que esta repousa na relação por ele estabelecida, conquanto a título hipotético, com o basco *gesal* ‘salitre, salmoura’. Trata-se de uma interpretação que não tem em devida conta a grande probabilidade de o apelativo basco *gesal* remontar a \**kerzal* (*Gersalzaha*, 1025) (Múgica, 1996, p. 226; Apraiz & Knörr, 1978, p. 302; Abaitua & Echevarría, 2013, p.

77, n. 46), caso não proceda do lat. *aquae salis/salem* (Corominas, 1972, p. 307; Michelena, 1977<sup>2</sup>, pp. 556, 560; Knörr, 1995, p. 217; González, 2004, p. 266; Faria, 2013, p. 192; 2017, p. 86).

Admitindo a validade da nossa interpretação, que remete para dados já conhecidos na Antiguidade hispânica, tão-pouco poderemos aceitar a pertinência da analogia estabelecida por Orpustan (2010, p. 40) e Pocklington (2010, pp. 121–122; 2020, p. 155) entre “*Egelasta*” e as indocumentadas formas bascas *\*egi·lats*, *\*egi·latz*, *\*(h)egi·latz·(e)ta* ou *\*(h)ega·latz·(e)ta*, uma conexão que Silgo (2013, p. 134) acabou por secundar sem reticências.

Diversamente do que Pocklington (2010, p. 121; 2020, p. 155) quis fazer crer, nada indicia que o único testemunho epigráfico do gentílico de que derivou *Egelesta*, EGELESTANVS (*CILA* 6, n.º 66 e Lám. 41; *EDCS*-05600416), deva ser lido como EGELASTANVS. Como atenuante, cumpre-nos assinalar que Pocklington não foi o primeiro a transcrever erradamente o dito gentílico.

### ***\*Etogisa / eToCísa***

Continuamos a considerar que a epígrafe monetária constante da emissão *CNH* 51:96–100 deve identificar a cidade cujo nome figura deturpado em *Caes. BC.* 1.61.5, 1.68.1 e 1.70.4 sob a forma *O(c)togesam* (ac.), talvez por contaminação com *\*Otobes* / *\*Otobesa* (Faria, 2002b, p. 234; 2005a, pp. 277–279; 2008b [2009b], pp. 74–75; 2011 [2012], pp. 167–168; 2012, p. 97; 2013, p. 192; 2015, pp. 127, 128, 130, 137; 2016 [2017], p. 128).

A existência de toda esta bibliografia, incluindo a que se reporta à identificação do componente onomástico ibérico *gis*, foi ocultada por Sabaté (2020, p. 501), que admitiu ser *\*Otogisa* (a segmentar, segundo este mesmo autor, em *\*oto·gis·a*) o NL mencionado na narrativa cesariana.

Talvez seja *gis* ou, com maior grau de plausibilidade, *gis* o segmento a isolar nos NNP paleobascos *CISON* (Gorrochategui, 1984, pp. 185–186, n.º 136), *CISONTEN* (Gorrochategui, 1984, p. 186, n.º 137), *CISSONBONIS* (gen) (Gorrochategui, 1984, p. 186, n.º 138), *CISSONI* (gen.) (Ballester & Turiel, 2009, p. 420) e *GISONDONI* (dat.) (Gorrochategui, 1984, pp. 209–210, n.º 191), no que divergimos de Lakarra (2002, pp. 435–436), que preconiza a segmentação do basco *gizon* ‘homem’ em *gi·zon*. Também o NP *ONSE* e o apelativo *\*onbe* ‘menino’ (Gorrochategui, 2009, p. 545) apontam no mesmo sentido.

É evidente que, no plano teórico, nada impede que tenha havido duas cidades ibéricas com nomes assaz semelhantes — *\*Etogisa* e *\*Otogisa* —, mas, à luz do sempre recomendável princípio da economia, será preferível identificar uma só cidade, devendo ser conferido um maior valor heurístico aos testemunhos numismáticos e epigráficos em prejuízo das fontes literárias greco-latinas (Correa, 2002 [2003], p. 134; 2005 [2006], p. 149, n. 61), reconhecidamente mais atreitas a corruptelas no que toca à transmissão de termos alheios a ambos os idiomas. Só a subversão deste ajuizado critério, exemplarmente definido por Correa, poderá explicar que tenham sido tão numerosos os investigadores (v., ultimamente, entre outros autores, Vidal, 2009, p. 534; 2014–2015, p. 132; 2015, p. 179) que se dispuseram a advogar a existência de uma cidade ibérica denominada *\*Etobesa* / *\*Etoouissa*, a par de *\*Otobesa*, sendo que só este NL, por força das atestações epigráficas e numismáticas que comprovam a sua existência, é portador de uma fidedignidade inquestionável (Faria, 2005a, p. 279; *MLH* VI, p. 585).

Nenhumas dúvidas subsistem relativamente à ocorrência na onomástica ibérica do segmento *oto*, que diversos autores, baseados em indícios claramente insuficientes,

entenderam, vários anos antes de Sabaté (2020, p. 501), estar presente no NL veiculado no Livro I do *Bellum Ciuile* (Luján, 2007, p. 63; Curchin, 2008, p. 24; 2009, p. 72).

Importa, contudo, precisar que o elemento onomástico ibérico *oto* foi individualizado pela primeira vez há quase quatro décadas (Fletcher, 1984, p. 409; Faria, 1995a, p. 327; 2011 [2012], p. 168), pelo que não faz qualquer sentido que Sabaté (2020, p. 501) atribua a Rodríguez (2014, p. 185) a prioridade numa tal identificação.

Já tivemos oportunidade de assinalar que, do ponto de vista metodológico, não tem qualquer cabimento a decisão tomada por Delamarre (*DLG*, p. 174; 2012, p. 209), na sequência de outros autores (Arbois de Jubainville, Ernault & Dottin, 1891, p. 197; Arbois de Jubainville, 1894, pp. 8–9), no sentido de adoptar *\*Octogesa* como a forma mais aceitável entre todas as que figuram nos códices, apenas com o propósito de sustentar para a mesma uma origem no NP céltico *\*Octogēsos* < *\*Oxtogaisos*, a traduzir, segundo o mesmo autor, por ‘oito-lanças’ (Faria, 2012, p. 97). De nada, valeu, porém, a nossa advertência, porquanto Delamarre, na (pretensa) segunda edição do seu livro publicado pela primeira vez em 2012 (Delamarre, 2021, *passim*), repetiu todos e cada um dos numerosos erros factuais veiculados na dita obra, nomeadamente os que lhe foram apontados por Taverdet (2012, *passim*), Ballester (2013b, *passim*) e, em menor medida, por Raepsaet-Charlier (2013, pp. 509–510). Se nos abstrairmos dos aspectos formais — nova capa e nova maquetagem —, o livro de 2021 não passa de uma reimpressão da edição original publicada nove anos antes.

Voltando a **eToCiśa**, cumpre-nos confessar que, apesar do nosso empenho, não conseguimos retirar nenhum proveito da leitura das linhas que Moncunill & Velaza (*MLH V 2*, p. 246) dedicaram a este NL.

### ***\*Ibingi* / **iPinCi****

As linhas que se seguem resultam sobretudo da leitura do sugestivo estudo assinado por Martínez Chico & González García (2020, *passim*) acerca de uma tésseira monetiforme de chumbo ou bronze achada em *Oiasso* (Irún, Guipúscoa).

Os autores citados relacionam o NL **iPinCi** (*CNH 433:3*) < *\*Ibingi* com o que figura abreviado sob a grafia IBN na dita tésseira. Trata-se de uma analogia que encontra a sua justificação na probabilidade de *\*ibin* não ser mais do que uma variante de *\*iben* (Michelena, 1997<sup>5</sup>, p. 102, n.º 311). Aliás, parece-nos preferível entender a legenda IBN como IBEN em escrita defectiva, a exemplo de BASTOB<E>LES ou de B<E>LSAILACOS (Simón, 2019, p. 134).

Em alternativa a uma interpretação da mesma como gentílico, quiçá reportável à ceca de *\*Ibingi* (Martínez Chico & González García, 2020, p. 111), talvez seja de contemplar a hipótese de IB<E>N, que parece estar em relação sintáctica com a expressão AD FID(*em*), imediatamente anterior, conformar um vocábulo paleobasco, porventura um participio ou substantivo verbal, uma exegese legitimada pela analogia que Michelena (1997<sup>5</sup>, p. 102, n.º 311) estabeleceu entre termos aparentemente cognatos. Escusado será dizer que se trata de uma sugestão que formulamos com todas as reservas.

Adicionalmente, cremos será também plausível detectar uma afinidade entre o radical *ibin*, individualizável em *\*Ibingi*, e o NP subjacente ao NL navarro *Imízcoz* – *Imizkotz*, documentado sob a forma *Imizcoiz* a partir de 1262 (Belasko, 1999<sup>2</sup>, pp. 240–241; Salaberri & Salaberri, 2020, p. 16), devendo o mesmo deve corresponder a *\*Imizco* < *\*Imihizco* < *\*Iminizco* < *\*Ibinizco*.

Em *\*Ibingi*, há que individualizar o sufixo *-ci* / *-gi*, cujos possíveis significados já foram discutidos *supra* (s.v. *Biscargi(s)* / **PisCarCi**).



Em resultado das considerações acima expendidas, independentemente da localização da ceca — a norte ou a sul dos Pirenéus (v., nos últimos anos, Amela, 2018, pp. 33–34; 2020a, pp. 289–291; Martínez Chico & González García, 2020, pp. 109–111) —, a atribuição ao ibero do NL *\*Ibingi* parece-nos incontestável, sendo também esta a opinião manifestada por Silgo (2013, p. 146). Estranhamente, nem Vidal (2015, *passim*) nem Untermann (*MLH* VI, *passim*) nem Moncunill & Velaza (*MLH* V 2, *passim*) arrolaram *\*Ibingi* entre os NNL ibéricos. Como circunstância agravante, atentas as características desta última obra — um léxico supostamente exaustivo do idioma ibérico —, Moncunill & Velaza (*MLH* V 2, *passim*) nem sequer chegaram a conceder a **iPinCi** o estatuto de vocábulo.

Ainda no tocante à téssera circunstanciadamente estudada por Martínez Chico & González García (2020, *passim*), cremos ser mais plausível, tendo por base considerações de ordem fonotáctica, ler no reverso da mesma o presumível gentílico (talvez abreviado) P<sup>ˈ</sup>ET<sup>ˈ</sup>Z, de preferência a P<sup>ˈ</sup>TE<sup>ˈ</sup>Z (Martínez Chico & González García, 2020, p. 103).

### *\*Ipolca / Obulco / iPolCa*

Em dois textos que deixam entrever um deficiente domínio da bibliografia produzida sobre o tema, Herrera (2019b, pp. 130–131 e n. 255; 2021, p. 126, n. 18) teve o desplante de assumir a prioridade na identificação do NP “turdetano” CONIPR(...), gravado nos anversos de *CNH* 342:5. Trata-se, contudo, de uma atribuição completamente ilegítima (Faria, 1991b, p. 18; 1994a, p. 43, n.º 125; 1996, p. 158; 2000a, p. 130; 2007a, p. 215; 2011 [2012], p. 151; 2018, p. 118).

Passando a comentar alguns NNP documentados em escrita meridional na numária da ceca em questão, é preocupante verificar que Simón (2020, pp. 41, 137) continue a ignorar a existência do NP ibérico **neselTuCu** (*CNH* 344:17–25), segmentável em **nes·elTu·Cu** < *\*Nesilducu* (Faria, 1991a, p. 190; 1991b, pp. 16, 17–18; 1993a, p. 157; 1994a, pp. 49–50, n.º 261; 1994b, p. 67; 1995b, pp. 80, 83–84; 1996, p. 166; 1997, pp. 106, 111; 1998b, p. 238; 2000a, pp. 123, 137; 2000b, p. 65; 2001c, pp. 207, 209; 2002a, pp. 133, 135; 2004b, p. 288; 2007a, pp. 216, 223).

Em diversos momentos, Untermann (*MLH* I 1, pp. 82, 338; 1976, p. 217; 1979, p. 51) incluiu com acerto o presente NP na onomástica ibérica, mas, mais tarde (*MLH* III 1, p. 229), por razões que nunca chegou a explicar, deixou de o fazer.

Sendo indubitavelmente *nes* o segmento com que se inicia o NP em causa, nada justifica que Simón (2020, p. 41) ocupe parte do seu tempo a promover a ocorrência do fantasmagórico elemento antroponímico ibérico *\*nes* (Faria, 1995a, p. 324; 2001a, p. 96; 2007a, p. 216), um erro que continua igualmente a ser cometido por Moncunill & Velaza (2020, p. 616).

É possível que Ferrer venha a tomar uma decisão definitiva acerca da maneira correcta de transliterar o nome de um dos dois magistrados que figuram em *CNH* 342:9. Por enquanto, este autor vai hesitando entre **odagiís** (Ferrer, 2010 [2011], p. 88), **odakiís** (Ferrer, 2010 [2011], p. 88; 2021b, p. 77), **otagiíís** (Ferrer, 2010 [2011], p. 81) e **otagiís** (Ferrer, 2021b, p. 79). Pelas razões que explicámos noutro momento (Faria, 2013, p. 199), a transliteração mais adequada para este NP consiste em **oTaciíís**. Um dos argumentos que esgrimimos na altura, no intuito de suportar uma tal transliteração, reside na existência de um paralelo perfeito para o nosso NP. Trata-se de ODACIS, NP transmitido por Mora (2018, p. 159) como ODACI e por Ferrer (2021b, p. 77) como *odakis*, que identifica um magistrado de **\*Pauipon** (*CNH* 133:3–4) (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81; 1991b, p. 17; 1992, p. 43; 1993b, p. 139; 1994a, p. 51, n.ºs 283, 287; 1995b,

p. 84; 1996, p. 167; 1998a, p. 232; 2000a, p. 138; 2001a, p. 101; 2001c, pp. 208–209; 2001d, p. 213; 2003a, p. 325; 2005b, p. 170; 2013, p. 199).

**TuiTuiPoren** é outro dos NNP atestados nas moedas de *Obulco* (CNH 346: 36-37).

Em função do idioma a que o mesmo possa pertencer, são várias as segmentações defensáveis para este NP (Faria, 2009 [2010], p. 167; 2011 [2012], p. 174; 2013, p. 198; 2016 [2017], p. 124; De Hoz, 2016, p. 216), mas é **TuiTuiPoren** a que tem reunido um maior consenso por parte dos investigadores que sobre ele se têm pronunciado.

Se, para o formante inicial, têm sido indicados diversos paralelos (Faria, 2008b [2009b], p. 57), o mesmo não tem sucedido com o segmento final deste NP.

O único *comparandum* que nos ocorre para **Poren** (*ergo* /boren/) reside no último termo da sequência M(*arcus*?) BOREN[---], gravada numa *fistula plumbea acquaria* recentemente descoberta no povoado de Torreparedones (Beltrán & Morena, 2018, p. 34; Pozo & Morena, 2019, p. 152; Ventura & *alii*, 2021, p. 709, n. 1; Robles & *alii*, 2017–2018 [2021], p. 15).

Teremos naturalmente de partir do princípio de que M BOREN[---] corresponde à identificação de um indivíduo — seja ele um *plumbarius* (Ventura & *alii*, 2021, p. 709, n. 1) ou um magistrado.

Assim sendo, no caso de se tratar de um *nomen* (BOREN[IVS]) ou de um *cognomen* (BOREN[VS]) — sendo aquele naturalmente criado a partir do idiônimo \**Borenus* < \**Borenos* —, nada obsta a que o mesmo possa ocorrer como segundo membro de **TuiTuiPoren**.

Todavia, em alternativa a uma interpretação de M BOREN[---] como M(*arcus*) BOREN[IVS] / M(*arcus*) BOREN[VS], não deverá ser descurada a eventualidade de esta sequência corresponder a M(*unicipium*) BOREN[SE] (Beltrán & Morena, 2018, p. 34), sendo evidentemente de excluir que a mesma se transcreva como M(*unicipium*) BOREN(*sis*) (Pozo & Morena, 2019, p. 152; Robles & *alii*, 2017–2018 [2021], p. 15).

Aceitando a validade do paralelismo por nós estabelecido entre BOREN[IVS] / BOREN[VS] e o segmento final de **TuiTuiPoren**, NP que reputamos abreviado (Faria, 2011 [2012], p. 174; 2013, p. 198; 2015, p. 130), fica bastante debilitada a transliteração deste último como **tuituigóren** (ou **tuituigóren**), aventada por Ferrer (2010 [2011], pp. 93, 94, 95, 96, 103), uma exegese que já nos havia suscitado fortes reservas (Faria, 2013, p. 198).

Foquemo-nos agora sobre o NP **urCail**, que surge documentado na emissão CNH 342:8, estando igualmente inscrito sob a grafia VRCHAIL numa placa de arenito recuperada em *Ilipa* (Alcalá del Río, Sevilha) (EDCS-05501091).

Não obstante termos tentado vislumbrar algum mérito nas linhas que Simón (2020, p. 159, n.º 124) consagrou ao dito NP, todo o empenho que colocámos numa tal tarefa foi completamente votado ao fracasso. Entre outras fragilidades por nós detectadas neste desventurado exercício de ilusionismo linguístico-epigráfico obrado por Simón, não podia deixar de figurar a interpretação de **urCail** como abreviação do imaginário NP \***urCailTu** (MLH I 1, p. 337; MLH III § 7.62; Beltrán Lloris, 1993, p. 853; De Hoz, 2010, p. 406; Simón, 2015, p. 338, n. 31; Herrera, 2019a, p. 363; 2019b, p. 109; Ferrer, 2021b, p. 84), uma transliteração que demonstrámos estar errada, devendo a mesma ser substituída por **urCailPi** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990–1991, pp. 74, 81; 1991a, pp. 191–192; 1991b, pp. 17–18; 1992, p. 44; 1993a, pp. 154–155; 1994a, p. 56, n.º 403; 1994c, p. 123; 1995a, pp. 326, 328; 1995b, pp. 85–86; 2000a, pp. 140–141; 2000b, pp. 64–65; 2001a, p. 103; 2002b, p. 241; 2003b, pp. 226–227; 2004b, p. 300; 2010 [2011], p. 100; 2013, pp. 188, 199–200; 2017, p. 87).

Ao longo de quase três décadas, foram vários os argumentos que aduzimos no sentido de questionar a possibilidade de **urCail** / VRCHAIL constituir um NP ibérico, sendo, por outro lado, praticamente certo que o mesmo não se encontra abreviado em nenhuma das suas atestações (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81; 1991a, pp. 191–192; 1991b, pp. 17–18; 1992, p. 44; 1993a, pp. 154–155; 1994a, p. 56, n.º 403; 1994c, p. 123; 1995a, pp. 326, 328; 1995b, pp. 85–86; 2000a, pp. 140–141; 2000b, pp. 64–65; 2001a, p. 103; 2002b, p. 241; 2003b, pp. 226–227; 2004b, p. 300; 2010 [2011], p. 100; 2012, p. 104; 2013, p. 188; 2018, p. 123).

Contra uma atribuição linguística ao ibero podemos alegar tanto a designação completa de VRCHAIL (EDCS-05501091) — VRCHAIL ATITTA F CHILASVRGVN — como a procedência meridional dos NNP supracitados, aos quais importa agregar VRHELA (HEp 2, 336) e SISVCVRHIL (CNH 134:9) (Faria, 1992, p. 44; 1993a, pp. 154–155; 2000a, p. 141).

Não menos inábil do que Simón esteve Moncunill (2019, p. 147, n. 42; 2020, p. 185, n. 29), ao considerar **urCail** / VRCHAIL um NP ibérico de leitura duvidosa.

### **\*Pauipon / Imperatoria Salacia**

Tomámos conhecimento, através da consulta da tese de doutoramento defendida por Herrera (Herrera, 2019b, p. 91) na Universidade de Saragoça, da descoberta de um pequeno fragmento de inscrição de bronze, onde, no final da segunda linha do que resta do texto, é possível ler ]NDVGE (Caballos & González, 2005, p. 280).

Herrera (2019b, p. 91) teve o mérito de relacionar tal sequência com o NP A‘ND’VGEP SISVC F T‘VL’, presente numa emissão monetária de **\*Pauipon**.

Trata-se de uma das escassas virtudes que conseguimos vislumbrar nesta obra, elaborada sobretudo com base em bibliografia secundária, circunstância que deixa a descoberto algumas limitações do autor no plano deontológico.

Assim, entre as insuficiências manifestadas por Herrera (2019b, p. 91) a propósito deste assunto, avulta a omissão de um facto indesmentível: a legenda A‘ND’VGEP SISVC F T‘VL’ — e não TVL ANDVGEP SISVC F — foi por nós transcrita correctamente pela primeira vez (Faria, 1989a, p. 86; 1992, p. 44; 1999a, p. 158; 2005a, p. 273; 2011 [2012], p. 152), bem antes dos autores que ele escolheu citar.

Ainda a propósito da supracitada inscrição de bronze, provavelmente recuperada na província de Sevilha, há um dado que escapou a quem sobre ela se debruçou (Caballos & González, 2005, p. 280; Herrera, 2019b, p. 91). Na primeira linha do que dela subsiste figura um NP ibérico, e não, pura e simplesmente, “indígena” (Caballos & González, 2005, p. 280). Trata-se de ]NEVR, sequência que, com grande probabilidade, corresponde à parte final de um NP ibérico finalizado pelo segmento *eur*, documentado em **ilTireur**, nome de um magistrado mencionado em moedas de *Obulco* (CNH 343:15–16). Consequentemente, o primeiro membro deste composto ibérico não poderá senão ser um dos muitos que terminam em *-n*: *adin*, *ildun*, *ordin*, *sosin* etc.

Mudando de assunto, é preocupante constatar a facilidade com que é possível adulterar, mais por ignorância do que por dolo, determinadas ideias, mesmo aquelas que foram expostas por diversas vezes. Veja-se o caso das páginas que, na sua tese de doutoramento, Moreno (2014, pp. 679–681) consagra à ceca de *Imperatoria Salacia*. Em poucas linhas, entre outros desacertos de não pouca monta que nos dispensamos de comentar, Moreno conseguiu descortinar em três textos da nossa autoria (Faria, 1989a; 1995c; 1999c; 2001b) outras tantas teses que jamais chegámos a subscrever:

- a) O relacionamento do NL *Salacia* com a exploração de sal (Moreno, 2014, p.

- 679);
- b) A ligação de *Imperatoria Salacia* com Gneu Pompeio Magno (Moreno, 2014, p. 679);
  - c) A atribuição à *emissão CNH 153:13–14* de uma cronologia entre 45 e 36 a.C. (Moreno, 2014, p. 681).

Neste particular, não deverá tratar-se exclusivamente do resultado de um insuficiente desconhecimento da língua portuguesa. Com efeito, independentemente do acerto de uma tal exegese (que é da nossa responsabilidade), não se percebe como Moreno (2014, p. 680) pôde conferir a Correa (1982) a autoria da identificação de *Cantnipo* como nome pré-romano da actual cidade de Alcácer do Sal.

### *Pax Iulia*

Volvidas três décadas e meia sobre a primeira vez em que formulámos a nossa proposta de adscrição cronológica dos numismas pacenses (*RPC I 52, 52A, 53*) ao período que medeia entre 31 e 27 a.C. (Faria, 1986, *passim*; 1989b, *passim*; 1995d, p. 151; 1997, *passim*; 2001e, pp. 351–353; 2002c, p. 175; 2006b, pp. 226–228), entendemos ser oportuno elaborar um breve balanço das mais significativas abordagens historiográficas produzidas sobre este tema nos últimos 25 anos.

Cumpre-nos lamentar que, decerto por insuficiência da nossa parte, não tenhamos conseguido vislumbrar em qualquer dos contributos que chegaram ao nosso conhecimento algum dado que pudesse colocar em causa os fundamentos da nossa tese.

Reportamo-nos em concreto à relação por nós estabelecida entre a cunhagem das ditas emissões e a coetânea fundação da colónia de *Pax Iulia*, evento de que — a par de outros testemunhos (designadamente epigráficos) entretanto desaparecidos — aquelas seriam um marco comemorativo (Faria, 1989b, p. 107).

Importa assinalar, em primeiro lugar, que a (discutível) atribuição a César de uma cabeça de mármore achada em Beja em 1900 (Alarcão, 2018, pp. 121, 123; Lopes, 2018, pp. 20–23) não coloca minimamente em questão nenhum dos argumentos em que assenta a nossa proposta no sentido de incluir *Pax Iulia* entre as colónias fundadas após a batalha de *Actium*, quiçá no ano imediatamente subsequente.

Efectivamente, em nosso entender, o recurso à citada cabeça marmórea como prova de que *Pax Iulia* terá recebido de César o estatuto de *municipium* não passa de uma mera extrapolação. Por outras palavras, uma tal premissa, além de se revelar de uma solidez questionável (Alarcão, 1988, p. 67; Souza, 1990, p. 12, n.º 8; Mantas, 1993, p. 491), não justifica de maneira alguma a conclusão que dela se retira, num claro contraste com a natureza claramente comemorativa das emissões monetárias em apreço, seguramente integráveis noutra conjuntura (Faria, 1989b, p. 107).

Também Mantas (2020, pp. 473, 476, 487) voltou, nos últimos anos, ao tema da fundação colonial de *Pax Iulia*. Talvez valha a pena recordar que este investigador começou por advogar para a cidade de que nos vimos ocupando uma fundação como colónia na época de César (Mantas, 1987, p. 28), para, anos depois, situar semelhante acontecimento por volta de 38 a.C. (Mantas, 1990, p. 80). Mais recentemente, passou a afiançar que a fundação da colónia em análise terá ocorrido em 15 a.C. ou, com menor grau de probabilidade, em 2 a.C. (Mantas, 1993, pp. 493–496; 1996a, p. 26, n. 52; 1996b, pp. 52–53), tendo, por fim, estabilizado, ainda que com reservas, nesta última data (Mantas, 2020, p. 476).

Com vista a justificar a ocorrência de uma alteração estatutária de *Pax Iulia* — de cidade de direito latino a colónia de direito itálico — no espaço de poucos anos

(sempre por iniciativa de Octaviano), Mantas (1996b, p. 52) alegou como paralelo a evolução político-administrativa por que passou *Tingi*, segundo este investigador “município no ano 38 a.C. promovido a colónia por Augusto”.

Sucede, porém, que não se conhece rigorosamente nenhuma prova da criação de uma colónia em *Tingi* antes de Cláudio, não podendo de modo algum ser invocados os semisses do tipo *RPC I 860* como testemunho de tal evento (Hamdoune, 1994, pp. 83–85; Faria, 1999d, p. 271; 2007c, pp. 312–313; Amandry, 2000, p. 54; *ad RPC CS*, pp. 60–61; Labory, 2003, p. 21; El Ouazghari, 2005, p. 256; Gascou, 2004–2005 [2006], p. 261, n. 14; Fasolini, 2006, p. 72; Amela, 2012, p. 157; 2020b, p. 256; Bernard, 2013, p. 91; 2018, pp. 206–214; Villemur, 2015, p. 119; Bernard & Callegarin, 2017, pp. 186–187; Torres, 2018, pp. 146–147, n. 23).

Fica, por conseguinte, demonstrada a ilegitimidade da utilização por parte de Mantas (1996b, p. 52) dos estatutos alegadamente atribuídos a *Iulia Tingi* nas últimas décadas do século I a.C. como argumento favorável à defesa da alteração do estatuto privilegiado a *Pax Iulia*, de município triunviral a colónia de Augusto.

Ainda no tocante ao tema da fundação da *colonia Pax Iulia*, registamos com agrado a circunstância de Mantas (2020, p. 473) ter contemplado a possibilidade de terem sido aqui instalados determinados veteranos de origem itálica pertencentes às legiões de Marco António derrotadas em *Actium*. Trata-se, no entanto, de uma proposta que, tal como Ortiz (2020, p. 33; 2021a, pp. 223–224, 227; 2021b, p. 170 e n. 27) deixou bem claro, não se destaca propriamente pela originalidade (Faria, 1999c, pp. 38–39; 2006b, p. 227).

Regozijamo-nos igualmente pelo facto de, depois de diversas hesitações, das quais demos devida nota (Faria, 2001e, p. 354), Mantas (2020, p. 473) ter admitido que a atribuição do estatuto municipal a *Felicitas Iulia Olisipo* terá ocorrido pouco antes de 27 a.C. Pena foi que Mantas se tivesse retraído na exacta ocasião em que lhe competia disponibilizar a informação bibliográfica pertinente (Faria, 1989b, p. 104; 1993c, p. 134; 1995d, pp. 93–95; 2001e, p. 354; 2002c, p. 176).

Creemos ser de admitir que *L. Cornelius Mitulus* (*HEp* 1, 659) e *C. Cosconius* (*HEp* 7, 1134) estarão entre os referidos veteranos que terão integrado o primeiro censo colonial de *Pax Iulia* (Faria, 2006b, p. 227; Amela, 2020b, p. 213), afigurando-se agora bem menos provável que tal tenha sucedido com *M. Vlpus Obidus* (*HEp* 2, 747) — *cognomen* que deve substituir *Obidus* (Faria, 2006b, p. 227; Prósper, 2016, p. 172; Amela, 2020b, p. 213) —, atendendo à presumível origem hispânica deste indivíduo (Encarnação, 2016, pp. 196–200; Ortiz, 2021a, p. 228). Reiteramos aqui a hipótese por nós formulada *ex imagine* (Faria, *apud* Encarnação, 2016, p. 198, n. 1) no sentido de a *cognatio* mencionada por duas vezes em *EDCS-64100261* poder ler-se como *OBIDDOQ(um)*, de preferência a *OBIDOQ(um)*.

### \**Saldubie* / *salTuie*

Poucas ou nenhuma dúvida nos restam de que o NL *salTuie*, gravado em *CNH* 228:1–4 e mencionado por Plínio-o-Velho (*nat.* 3. 24) sob a forma *Saldubia* (entre outras variantes manuscritas de menor fiabilidade), remete para *\*saldu·bi·e* (Faria, 2000a, p. 138; 2002b, p. 238; 2005b, p. 170; 2016b, p. 157). É certo que contemplámos outras análises para o referido NL (Faria, 2002b, p. 238; 2003b, pp. 225–226; 2005b, p. 170), mas, à luz do que se conhece acerca da formação de NNL ibéricos, as mesmas afiguram-se-nos agora menos plausíveis. Mesmo que se privilegie a variante codicológica pliniana *Salduuia* em detrimento de *Saldubia* (*MLH* VI, p. 621), tal decisão não prejudica em nada a segmentação de *salTuie* (/salduie/) em *\*saldu·bi·e*, por

nós proposta. Tão-pouco o gentílico SALLVIENSES, SALLVIENSIBVS (Fatás, 1980, p. 12) dificulta uma tal análise. Em contrapartida, o adjectivo SALLVITANA (EDCS-19900038) deixa entrever a hipótese de \**Saldubi*, e não \**Saldubie*, configurar o NL primigénio. Estaríamos assim perante um NL ibérico cujo segundo componente seria o segmento monossilábico *bi*, que tem sido interpretado em diversos NNL como sufixo toponímico (Ballester, 2013a, p. 36; 2015, p. 127 e n. 1; Silgo, 2013, p. 299; Faria, 2016b, pp. 156–157). \**Saldubi* atestaria eventualmente uma fase prévia à junção de *-e*, um sufixo que ocorre por diversas vezes na toponímia ibérica (Faria, 1995a, p. 325; 2000a, p. 138; 2002b, p. 238; 2003a, pp. 313–314; 2003b, p. 226; 2005b, p. 164). Em contraste com esta tentativa de explicação, poderá ser equacionada a hipótese de \**Saldubi* atestar uma apócope de *-e* (Lázaro, 1986, p. 139), facilitada, de resto, pela presença de uma vogal contígua. A alternância \**Saldubi* / \**Saldubie* parece encontrar um paralelo no NL mencionado na documentação numismática como *ar̄se*, que conhece um claro testemunho desprovido do sufixo *-e*, concretamente na já citada legenda *ar̄sCiTār* (CNH 305:9–26). Esta circunstância levou Ferrer (2007 [2008], pp. 59–60; 2012, pp. 38, 39) a preceituar *ar̄s* como nome da cidade/ceca, em desabono de *ar̄se*, uma teoria que foi bem acolhida por Ballester (2013c, p. 113). Cremos, contudo, que é preferível admitir uma oscilação toponímica *ar̄s* / *ar̄se* ou porventura um processo evolutivo *ar̄s* > *ar̄se*, não podendo ser excluídos deste debate os numerosos NNL ibéricos que ostentam indubitavelmente o sufixo *-e*.

Acerca deste tema, importa sublinhar que Moncunill & Velaza (2020, pp. 600, 601) não gozam de qualquer autoridade moral para tentarem mais uma vez reivindicar a autoria da identificação quer do sufixo *-e* (Faria, 1995a, p. 325, 2000a, p. 138; 2002b, p. 238; 2003a, pp. 313–314; 2003b, p. 226; 2005b, p. 164) quer do sufixo *-o* (Faria, 1995a, p. 326; 2002a, p. 129; 2007b, p. 180; 2008b [2009b], p. 66) na toponímia ibérica.

O que aqui se deixa registado a respeito do NL \**Saldubie* / *salTuie* encontra-se em clara contraposição às estimulantes linhas que Le Roux (2021, pp. 342–347) consagrou a este mesmo assunto. Infelizmente, não estamos em condições de partilhar nenhuma das ideias nelas explanadas, desde a transliteração do NL gravado nas moedas — *Saldubie* (*sic*) (Le Roux, 2021, p. 344, n. 9) — até à consideração de \**Saldub(i)a* como NL celtibérico, uma tese já defendida com outro tipo de argumentos por Ballester (2002, p. 467 e n. 72). Segundo Le Roux (2021, p. 342, n. 5), semelhante atribuição linguística estaria fundada na analogia por ele estabelecida entre o segmento final do NL *Saldubia* e o de *Contrebia*. Por outro lado, as reiteradas reservas manifestadas por Le Roux (2021, p. 345) em fazer derivar o adjectivo SALLVITANA de um NL, designadamente de \**Salduie*, filiando-o de preferência no NP *Salluius*, já foram desfeitas há muito por Roldán (1986, p. 123).

### *Soti*<sup>?</sup> / *Sotiates*<sup>?</sup>

Não vemos qualquer motivo que nos leve a reequacionar a transliteração **sotiarni**, legenda gravada numa dracma ibérica, por nós apresentada há alguns anos (Faria, 2008b [2009b], p. 83) em alternativa a **sotiao**i (Villaronga, CNH 46:61; 1998, p. 125, n.ºs 294–295). **sotiarni** poderá não ser mais do que uma cacografia de **sotiarnai**, legenda conhecida através de um só exemplar, que mereceu da nossa parte a transliteração **sotiarnai** (Faria, 2008b [2009b], p. 83; 2012, p. 93). Não obstante, Ferrer (2021b, p. 81), a nosso ver erradamente, aceitou sem quaisquer reservas a leitura de Villaronga.

Continuamos a pensar (Faria, 2008b [2009b], p. 83) que esta legenda, tal como outras iniciadas por *soti*, devem ser associadas ao NE *Sotiates*, povo aquitano citado

tanto por César (*BGall.* 3.20.2–3, 3.21.1–2) como por Plínio-o-Velho (*nat.* 4.108), não sendo tão-pouco de excluir a possibilidade de um relacionamento entre as legendas monetárias ibéricas acima transliteradas e o NE *Soti* (Plin. *nat.* 3.47).

### *Tole*

Depois do muito que se escreveu sobre o nome completo desta ceca, que é mesmo *Tole* (Jacob, 1986, p. 277; Faria, 1987, p. 25; 1998c, p. 246; 2005a, p. 276), Beltrán Lloris & *alii* (2021, p. 163) vêm afiançar de um modo incompreensível que TOLE deve dar lugar a TOLET(*um*).

É nossa convicção, por outro lado, que os investigadores em causa se equivocaram ao alvitarem para o NL CELT‘AMB’(---) (*CNH* 296:1–5), correspondente a um magistrado de *Tole*, um desdobramento em CELT‘AMB’(*atus*?) (Beltrán Lloris & *alii*, 2021, p. 163).

Cremos, porém, que se afigura bem mais plausível reconhecer na dita legenda o NP bímembre *\*Celtambus* < *\*Celtambos* (Faria, 2017, p. 86), não faltando paralelos na antroponímia céltica para ambos os temas (Delamarre, 2007, pp. 210, 216), ainda que o segundo ocorra apenas uma vez mais na mesma posição. Trata-se do NP *Cisiambos* / *Cisiambus* (Delamarre, 2007, p. 66; Delestrée & Meziane, 2016, pp. 27, 29), que partilha com *\*Celtambus* < *\*Celtambos* a circunstância de se encontrar exclusivamente atestado em moedas.

A despeito de serem bastante numerosos os segmentos antroponímicos célticos iniciados por *amb-* (independentemente dos diversos radicais envolvidos) (Delamarre, 2007, pp. 18–19, 210; 2019, pp. 52–55), tanto quanto sabemos, *\*ambus* < *\*ambos* é o único que figura como segundo membro de NNP compostos pertencentes ao celta continental.

### **Bibliografia**

- ABAITUA ODRIOZOLA, Joseba; ECHEVARRÍA ISUSQUIZA, Isabel (2013) – Hacia una cronología del contacto vascorrománico a la luz de la toponimia treviñesa. *Oihenart*. 28, pp. 49–81.
- ALARCÃO, Jorge de (1988) – *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América.
- ALARCÃO, Jorge de (2018) – *A Lusitânia e a Galécia do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.* Coimbra: Universidade.
- AMANDRY, Michel (2000) – Transformation des villes indigènes en villes romaines en Maurétanie: apport de la numismatique. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CALLEGARIN, Laurent, eds. – *Los Cartagineses y la monetización del Mediterráneo occidental*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 53–58.
- AMELA VALVERDE, Luis (2012) – La situación de Mauretania a finales del Segundo Triunvirato e inicios del principado de Augusto. *Gerión*. 30, pp. 149–167.
- AMELA VALVERDE, Luis (2018) – La ceca de Ikale(n)skén. *Gaceta Numismática*. 196, pp. 5–39.
- AMELA VALVERDE, Luis (2020a) – *Varia nummorum XI*. Sevilla: Punto Rojo Libros.
- AMELA VALVERDE, Luis (2020b) – *El segundo triunvirato en Hispania: aspectos políticos-militares*. Sevilla: Punto Rojo Libros.

- APRAIZ BUESA, Odón; KNÖRR BORRÁS, Enrique (1978) – De la toponimia euskariana en Álava. *Boletín de la Institución «Sancho el Sabio»*. 22, pp. 289–304.
- ARBOIS DE JUBAINVILLE, Marie-Henri d' (1894) – Les Celtes en Espagne. *Revue Celtique*. 15, pp. 1–61.
- ARBOIS DE JUBAINVILLE, Marie-Henri d'; ERNAULT, Émile; DOTTIN, Georges (1891) – *Les noms gaulois chez César et Hirtius, De Bello Gallico*, première série: *les composés dont rix est le dernier terme*. Paris Émile Bouillon.
- BÄHR, Gerhard (1948) – Baskisch und Iberisch IV. Das Iberische. *Eusko-Jakintza*. 2:4–5, pp. 381–455.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2002) – El substrato de la lengua ibérica en la Península Ibérica. In *Congrés Internacional de Toponímia i Onomàstica Catalanes (València, 18–21 d'abril de 2001)*. Paiporta, València: Denes Editorial, pp. 459–488.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2010) – *Vrbiaca* ¿una ibérica 'confluencia'? *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 10, pp. 137–168.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2013a) – Escolios a un topónimo prerromano implícito. *Palaeohispanica*. 13, pp. 33–47.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2013b) – DELAMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (-500 / +500)*. *Dictionnaire*. Arles, Éditions Errance («Les Hespérides») 2012, pp. 383. *Rivista Italiana di Onomastica*. 19:2, pp. 711–713.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2013c) – Fuentes antiguas de la toponimia prerromana hispánica. In CASANOVA, Emili; VALERO, Lluís R., eds. – *Nous materials de toponímia valenciana*. Paiporta (València): Denes, pp. 109–131.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2015) – “Osito”, “Bajo la Ciudad” y demás lúbricas toponimias de más. *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics*. 20, pp. 123–148.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio; TURIEL IBÁÑEZ, Max (2009) – 14 nuevos textículos hispanorromanos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 9, pp. 415–429.
- BELASKO ORTEGA, Mikel (1999<sup>2</sup>) – *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.<sup>a</sup> ed. (1996<sup>1</sup>). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN FORTES, José; MORENA LÓPEZ, José Antonio (2018) – Dos nuevos *monumenta* de la necrópolis norte de Torreparedones (Baena, Córdoba). *Archivo Español de Arqueología*. 91, pp. 7–38.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (1978) – Los magistrados monetales en Hispania. *Numisma*. 150–155, pp. 169–211.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (1993) – Un nuevo antropónimo vascónico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). In *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, pp. 843–858.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; DÍAZ ARIÑO, Borja; SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2021) – *El Bronce de Novallas (Zaragoza) y la epigrafía celtibérica en alfabeto latino*. Zaragoza: Museo.
- BELTRÁN VILLAGRASA, Pío (1954) – *El plomo inscrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente)*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación Provincial.
- BERNARD, Gwladys (2013) – L'émergence des provinces maurétaniennes au I<sup>er</sup> siècle de notre ère: des territoires compartimentés à la recherche d'une identité provinciale. In LEFEBVRE, Sabine, ed. – *Créations provinciales et identités des*



- débuts de la conquête à l'époque julio-claudienne*. Dijon: EUD - Editions Universitaires Dijon, pp. 87–106.
- BERNARD, Gwladys (2018) – *Nec plus ultra: l'extrême Occident méditerranéen dans l'espace politique romain (218 av. J.-C. – 305 apr. J.-C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.
- BERNARD, Gwladys; CALLEGARIN, Laurent (2017) – La titulature des magistrats et le statut de la cité de Tanger d'après l'épigraphie monétaire. In EVANGELISTI, Silvia; RICCI, Cecilia, eds. – *Le forme municipali in Italia e nelle province occidentali tra i secoli I a.C. e III d.C.: atti della «XXI Rencontre francoitalienne sur l'épigraphie du monde romain» (Campobasso 24–26 settembre 2015)*. Bari: Edipuglia, pp. 183–192.
- CABALLOS RUFINO, Antonio; FERNÁNDEZ GÓMEZ, Fernando (2005) – Una ley municipal sobre una *tabula aenea* corregida y otros bronce epigráficos. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. 152, pp. 269–293.
- CANTO Y DE GREGORIO, Alicia María (1999) – *Ilorci, Scipionis rogos* (Plinio, *NH* III, 9) y algunos problemas de la Segunda Guerra Púnica en Hispania. *Rivista Storica dell'Antichità*. 29, pp. 127–167.
- CAPALVO LIESA, Álvaro (1996) – *Celtiberia: un estudio de fuentes literarias antiguas*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- CILA 6 = GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; MANGAS MANJARRÉS, Julio (1991) – *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía III: Jaén. Tomo I*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COROMINAS I VIGNEAUX, Joan (1972) – *Tópica hespérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*. 2.º vol. Madrid: Gredos.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1982) – Singularidad del letrero indígena de las monedas de Salacia (A.103). *Numisma*. 177–179, pp. 69–74.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1992) – Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AION*. 14, pp. 253–291.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) – Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101–116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994) – La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. 24:2, pp. 263–287.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2001) – Las silbantes en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. – *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 305–318.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2002) [2003] – La distribución de las oclusivas orales en la toponimia prerromana de la Bética. *Palaeohispanica*. 2, pp. 133–139.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2005) [2006] – Del alfabeto fenicio al semisilabario paleohispánico. *Palaeohispanica*. 5, pp. 137–154.
- CORTÉS VALENCIANO, Marcelino (2016) – Notas sobre algunos topónimos con la terminación *-rr-* en el Alto Aragón. *Alazet*. 28, pp. 9–79.
- CURCHIN, Leonard A. (1990) – *The local magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press.

- CURCHIN, Leonard A. (2008) – Place-names of the Ebro Valley: their linguistic origins. *Palaeohispanica*. 8, pp. 13–33.
- CURCHIN, Leonard A. (2009) – Toponimia antigua de Contestania y Edetania. *Lucentum*. 28, pp. 69–74.
- CURCHIN, Leonard A. (2011) – Naming the provincial landscape: settlement and toponymy in ancient Catalunya. *Hispania Antiqua*. 35, pp. 301–320.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1976) – La epigrafía prelatina meridional en Hispania. In JORDÁ CERDÁ, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; MICHELENA ELISSALT, Luis, eds. – *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27–31 mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, pp. 227–317.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1980) – Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. 30–31, pp. 299–323.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1989) – El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET SEMMLER, María Eugenia, ed. – *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, pp. 523–587.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2010) – *Historia lingüística de la Península Ibérica en la antigüedad, I. Preliminares y mundo meridional prerromano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011) – *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2016) – Los turdetanos. ¿Quiénes eran y qué hablaban? In MAIA, Manuel, ed. – *Atas da Mesa Redonda Turdetânea e Turdetanos*. Castro Verde: Museu da Lucerna, pp. 200–228.
- DELAMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (–500 / +500)*. Dictionnaire. Arles: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2019) – *Dictionnaire des thèmes nominaux du gaulois. I: Ab- / Ixs(o)-*. Paris: Les Cent Chemins.
- DELAMARRE, Xavier (2021) – *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (–500 / +500)*. Dictionnaire. Nouvelle édition. Arles: Errance.
- DELESTRÉE, Louis-Pol; MEZIANE, Karim (2016) – Une légende latine: LATISI(OS), «l'Héroïque»; bilan des nouvelles légendes monétaires gauloises depuis 1996. *Cahiers Numismatiques*. 207, pp. 23–30.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003<sup>2</sup>) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2<sup>e</sup> édition revue et augmentée. (2001<sup>1</sup>). Paris: Errance.
- EDCS = *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby* <[http://db.edcs.eu/epigr/epi\\_de.php](http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php)>.
- EL OUAZGHARI, Abderrahman (2005) – *El mundo indígena y Roma en el Marruecos antiguo: la religión durante los períodos prerromano y romano*. Tesis doctoral. Granada: Universidad.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2016) – Os Romanos de Castro Verde (*Conventus Pacensis, Lusitania*). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 195–210.
- FARIA, António Marques de (1986) – Moedas hispano-romanas do Museu da Guarda. *Numismática*. 40–41, pp. 13–14.
- FARIA, António Marques de (1987) – Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português. A propósito do Catálogo de Plomos Monetiformes de la Hispania Antigua. *Numismática*. 47, pp. 24–28.

- FARIA, António Marques de (1989a) – A numária de \**Cantnipo*. *Conimbriga*. 28, pp. 71–99.
- FARIA, António Marques de (1989b) – Sobre a data da fundação de *Pax Iulia*. *Conimbriga*. 28, pp. 101–109.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1993a) – A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1993b) - [Recensão de] CURCHIN, L. A. – *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. 2, pp. 136–140.
- FARIA, António Marques de (1993b) – [Recensão de] MARÍN DÍAZ, M. A. (1988) – *Emigración, colonización y municipalización en la Hispania republicana*. Granada: Universidad, 1988, 260 p. *Vipasca*. 2, pp. 131–136.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova Série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994c) – [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. – *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. 3, pp. 121–124.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1995c) – Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. – *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 143–153.
- FARIA, António Marques de (1995d) – Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. 4, pp. 89–99.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1, pp. 228–234.

- FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1998c) – [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. – *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 241–256.
- FARIA, António Marques de (1999a) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (1999b) – [Recensão de] *La moneda en temps d'August. Cours d'Histoire Monétaire d'Hispania. (13 i 14 de novembre de 1997)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya; *La moneda en la societat ibèrica. II Cours d'Histoire monétaire d'Hispania. (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 273–281.
- FARIA, António Marques de (1999c) – Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:2, pp. 29–50.
- FARIA, António Marques de (1999d) – [Recensão de] BURNETT, Andrew; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS, Pere Pau – *Roman Provincial Coinage. I. From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC–AD69)*, 2 Parts. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale, 1992. 812 p. + 195 ests. ISBN 0-7141-0871-5 (BMP); ISBN 2-7177-1845-1 (BnF) e BURNETT, Andrew; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS, Pere Pau – *Roman Provincial Coinage. Supplement I*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale, 1998. 60 p. + 10 ests. ISBN 0-7141-0894-4 (BMP); ISBN 2-7177-2049-9 (BnF). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 267–272.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001b) – *Oppida ueteris latii Eborae, quod item Liberalitas Iulia, et Myrtilis ac Salacia* (Plin. nat. 4.117). *Vipasca*. 10, pp. 71–82.
- FARIA, António Marques de (2001c) – [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. – *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2001d) – [Recensão de] RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau; ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel – *Monedas hispánicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 213–216.
- FARIA, António Marques de (2001e) – *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:2, pp. 351–362.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.

- FARIA, António Marques de (2002c) – *Virtutes* e cidades privilegiadas no Ocidente hispânico do século I a.C. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *As Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 175–178.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2005a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2006a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2006b) – Novas notas historiográficas sobre *Augusta Emerita* e outras cidades hispano-romanas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:2, pp. 211–237.
- FARIA, António Marques de (2007a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2007c) – [Recensão de] BURNETT, Andrew M.; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS, Pere Pau; CARRADICE, Ian – *Roman Provincial Coinage. Supplement 2*. < [http://www.uv.es/~ripolles/rpc\\_s2](http://www.uv.es/~ripolles/rpc_s2) > [consulta de 14 de Março de 2007]. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 306–315.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–212.
- FARIA, António Marques de (2014) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2015) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 125–146.
- FARIA, António Marques de (2016a) – Breves notas de numismática afro-romana. *Numismática*. 121, pp. 16–23.

- FARIA, António Marques de (2016b) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (23). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 155–174.
- FARIA, António Marques de (2016) [2017] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (25). *Arse*. 50, pp. 109–139.
- FARIA, António Marques de (2017) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (24). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 83–99.
- FARIA, António Marques de (2018) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (26). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 115–130.
- FARIA, António Marques de (2020) – Notas soltas de numismàtica hispànica (com um apêndice norte-africano). *Hécate*. 7, pp. 1–19.
- FASOLINI, Donato (2006) – *Aggiornamento bibliografico ed epigrafico ragionato sull'imperatore Claudio*. Milano: Vita e Pensiero.
- FATÁS CABEZA, Guillermo (1980) – *Contrebia Belaisca (Botorrita, Zaragoza) II*. Tabula Contrebiensis. Zaragoza: Universidad.
- FERRER I JANÉ, Joan (2007) [2008] – Sistemes de narques de valor lèxiques en monedes ibèriques. *Acta Numimàtica*. 37, pp. 53–73.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) [2011] – El sistema dual de l'escriptura ibèrica sud-oriental. *Veleia*. 27, pp. 69–113.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012) – La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In G. SINNER, Alejandro, ed. – *La moneda de los íberos: Ituro y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021a) – Dos nous fragments de làmines de plom amb inscripcions ibèriques nord-orientals procedents d'una col·lecció particular. *Liburna*. 18, pp. 91–111.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021b) – La escritura turdetana en el contexto de las escrituras paleohispánicas. In MONCUNILL MARTÍ, Noemí; RAMÍREZ SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *Aprender la escritura, olvidar la escritura: nuevas perspectivas sobre la historia de la escritura en el Occidente romano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 67–94.
- FERRER I JANÉ, Joan; GARCÍA I RUBERT, David; MORENO MARTÍNEZ, Isabel; TARRADELL-FONT, Núria; TURULL I RUBINAT, Albert (2012) – Aportacions al coneixement de la seca ibèrica de *śika'ra* i de l'origen del topònim Segarra. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 22, pp. 37–58.
- FERRER I JANÉ, Joan; SINNER, Alejandro G. (2019) – Baitolo, una doble inscripció ibèrica en un cepo de ancla de plomo del siglo I a.C. *Palaeohispanica*. 19, pp. 147–167.
- FLETCHER VALLS, Domingo (1984) – Un plomo ibérico de la comarca de Enguera (Valencia). *Arse*. 19, pp. 404–414.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2005) [2006] – Indoeuropeos en el Noroeste. *Palaeohispanica*. 5, pp. 235–257.
- GASCOU, Jacques (2004–2005) [2006] – Sur le statut de quelques villes de Numidie et de Maurétanie Césarienne. *Antiquités Africaines*. 40–41, pp. 259–267.
- GATTI, Giuseppe (1908) – Lamina di bronzo con iscrizione riferibile alla guerra dei socii italici. *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*. 36, pp. 169–226.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1934) – Notas sobre numismática hispana. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*. 2, pp. 173–191.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) – *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

- GONZÁLEZ OLLÉ, Fernando (2004) – Navarra, *Romania emersa y ¿Romania submersa? Aemilianense*. 1, pp. 225–270.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) – *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2009) – Vasco antiguo: algunas cuestiones de geografía e historia lingüísticas. *Palaeohispanica*. 9, pp. 539–555.
- HAMDOUNE, Christine (1994) – Note sur le statut colonial de Lixus et de Tanger. *Antiquités Africaines*. 30, pp. 81–87.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*.
- HERRERA RANDO, Javier (2019a) – Magistrados locales y lenguas indígenas en el Occidente Romano. Hispania, Galia e Italia (ss. III a.C.–I d.C.). *Athenaeum*. 107:2, pp. 357–387.
- HERRERA RANDO, Javier (2019b) – *Cultura epigráfica y romanización en la Hispania meridional (ss. II a.C.–d.C.)*. Tesis doctoral. Zaragoza: Universidad.
- HERRERA RANDO, Javier (2021) – Epigrafía pública y latinización en el sur de Hispania. In MONCUNILL MARTÍ, Noemí; RAMÍREZ SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *Aprender la escritura, olvidar la escritura: nuevas perspectivas sobre la historia de la escritura en el Occidente romano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 119–145.
- IGLESIAS, Hector (2000) – L’inscription ibérique de San Miguel de Liria et le basco-ibérisme en général. *Fontes Linguae Vasconum*. 83, pp. 7–27.
- IGLESIAS, Hector (2008) – Observations concernant les récentes critiques et omissions de Joseba Lakarra à propos des recherches d’Hector Iglesias sur la problématique «basco-ibérique» suivies d’une hypothèse inédite concernant l’inscription de Liria. *Arse*. 42, pp. 35–104.
- IRIGOYEN ECHEVARRÍA, Alfonso (1986) – *En torno a la toponimia vasca y circumpirenaica*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- IRIGOYEN ECHEVARRÍA, Alfonso (1987) – Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica. In CIERBIDE MARTINENA, Ricardo, ed. – *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 71–156.
- JACOB, Pierre (1986) – À propos des toponymes *Callet*, *Ceret*, *Osset*. *Emerita*. 54, pp. 275–280.
- KEUNE, Johann Baptist (1918) – Ilursenses. In *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft. Neue Bearbeitung begonnen von Georg Wissowa unter Mitwirkung zahlreicher Fachgenossen herausgegeben von Wilhelm Kroll. Supplementband III: Aachen bis ad Iuglandem*. Stuttgart: J. B. Metzler, col. 1237.
- KNÖRR BORRÀS, Endrike (1995) – La huella del latín en la lengua vasca. In VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Vitalino, ed. – *Didáctica del latín: actualización científico-pedagógica*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 213–225.
- LABORY, Nadine (2003) – *Inscriptions antiques du Maroc, 2. Inscriptions latines: supplément*. Paris: CNRS.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (2002) – Etimologiae (proto)uasconicae LXV. In ARTIAGOITIA BEASKOETXEA, Xabier; GOENAGA MENDIZABAL, Patxi; LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni, eds. – *Erramu boneta: Festschrift for Rudolf P. G. de Rijk*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 425–442.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (2010) – Haches, diptongos y otros detalles de alguna importancia: notas sobre numerales (proto)vascos y comparación vasco-ibérica (con un apéndice sobre *hiri* y otro sobre *bat-bi*). *Veleia*. 27, pp. 191–238.

- LÁZARO PÉREZ, Rafael (1988) – La ecuación *Sallvuitanus/Sallviensis*. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana, Zaragoza, 1 3 de diciembre de 1983. Actas*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico, pp. 137–139.
- LE ROUX, Patrick (2021) – *Colonia Caesaraugusta (CCA)*. Construire un nom. In SIMONA ANTOLINI, Simona; MARENCO, Silvia Maria, eds. – *Pro merito laborvm: miscellanea epigrafica per Gianfranco Paci*. Tivoli: Edizioni TORED, pp. 341–356.
- LEPELLEY, Claude (1998) – L’Afrique. In LEPELLEY, Claude, ed. – *Rome et l’intégration de l’Empire 44 av. J.-C. – 260 ap. J.-C. Tome 2: approches régionales du Haut-Empire romain*. Paris: Presses Universitaires de France, pp. 71–112.
- LOPES, Maria Conceição (2018) – O busto de Júlio César de Pax Iulia. Percursos e debates em torno da fundação de Pax Iulia. *Arqueologia Medieval*. 14, pp. 17–24.
- LUCHAIRE, Achille (1879) – *Études sur les idiomes pyrénéens de la région française*. Paris: Maisonneuve et C<sup>ie</sup>.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2005) [2006] – Los topónimos en las inscripciones ibéricas. *Palaeohispanica*. 5, pp. 471–489.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) – Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 49–88.
- MANTAS, Vasco Gil (1987) – As primitivas formas de povoamento urbano em Portugal. *Povos e Culturas*. 2, pp. 13–55.
- MANTAS, Vasco Gil (1990) – Teledeteção e urbanismo romano: o caso de Beja. *Geociências*. 5:1, pp. 75–88.
- MANTAS, Vasco Gil (1993) – As fundações coloniais no território português nos finais da República e inícios do Império. In *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990)*. Coimbra: Universidade, pp. 467–500.
- MANTAS, Vasco Gil (1996a) – Teledeteção, cidade e território: Pax Iulia. *Arquivo de Beja*. Série 3. 1, pp. 5–30.
- MANTAS, Vasco Gil (1996b) – Em torno do problema da fundação e estatuto de *Pax Iulia*. *Arquivo de Beja*. Beja. Série 3. 2–3, pp. 41–62.
- MANTAS, Vasco Gil (2020) – Urbanismo e arquitetura na Lusitânia imperial. In BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco, eds. – *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Madrid: Universidade, pp. 471–491.
- MARTÍNEZ CHICO, David; GONZÁLEZ GARCÍA, Alberto (2020) – La tésera monetiforme latina de *Oiasso*, Irún (Guipúzcoa, España). *Rivista Storica dell’Antichità*. 50, pp. 101–121.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1985) [1955] – Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. In *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 357–370 [= *Emerita*. 33, pp. 265–284].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1958) – Hispánico antiguo y vasco. *Archivum*. 8, pp. 33–47.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977<sup>2</sup>) – *Fonética histórica vasca*. 2.<sup>a</sup> ed. (1961<sup>1</sup>) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997<sup>5</sup>) – *Apellidos vascos*. 5.<sup>a</sup> ed. (1953<sup>1</sup>). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.



- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 2 = MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2019) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V, 2: Lexikon der iberischen Inschriften / Léxico de las inscripciones ibéricas*. Wiesbaden. Dr. Ludwig Reichert.
- MLH VI = UNTERMANN, Jürgen (2018) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band VI: die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2019) – From Iberians to Romans: the latinization of Iberian onomastics through Latin epigraphic evidence. *Phoenix*. 73: 1–2, pp. 134–163.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2020) – Se nommer devant l'autre. L'adaptation des noms ibériques à la formule onomastique romaine. In RUIZ DARASSE, Coline, ed. – *Comment s'écrit l'autre? Sources épigraphiques et papyrologiques dans le monde méditerranéen antique*. Pessac: Ausonius, pp. 173–189.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2020) – Iberian. *Palaeohispanica*. 20, pp. 591–629.
- MORA SERRANO, Bartolomé (2018) – Across the looking glass: ethno-cultural identities in southern Hispania through coinage. In CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo, ed. – *Roman Turdetania: romanization, identity and socio-cultural interaction in the south of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st centuries B C E*. Leiden; Boston, MA: Brill, pp. 148–163.
- MORENO PULIDO, Elena (2014) – *Iconografía monetaria de la región geohistórica del Estrecho de Gibraltar y su periferia. Siglos III a.C. – I d.C.* Tesis doctoral. Cádiz: Universidad < <https://rodin.uca.es/xmlui/handle/10498/23012> >.
- MORET, Pierre (1996) – Le nom de Toulouse. *Pallas*. 44, pp. 7–23.
- MORET, Pierre (2002) – Le nom de Toulouse. In PAILLER, Jean-Marie, ed. – *Tolosa. Nouvelles recherches sur Toulouse et son territoire dans l'Antiquité*. Roma: École Française de Rome, pp. 93–99.
- MÚGICA FRANCO DE MEDINACELI, Matías (1996) – Notas de fonética histórica y toponimia 1. Sobre cronología de los cambios fonéticos. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 30:1, pp. 219–238.
- NOVILLO LÓPEZ, Miguel Ángel (2012) – *César y Pompeyo en Hispania: territorio de ensayo jurídico-administrativo en la tardía República romana*. Madrid: Sílex.
- ORTIZ CÓRDOBA, José (2020) – Colonización y emigración en *Pax Iulia*. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. 20, pp. 29–51.
- ORTIZ CÓRDOBA, José (2021a) – *Las colonias romanas de César y de Augusto en Hispania*. Madrid; Salamanca: Signifer Libros.
- ORTIZ CÓRDOBA, José (2021b) – *Alieni in Augusta Emerita: desde la fundación de la colonia hasta la promulgación de la Constitutio Antoniniana*. *Gerión*. 39:1, pp. 167–196.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (2010) – L'ibère et le basque: recherches et comparaisons < <https://artxiker.ccsd.cnrs.fr/artxiibo-00465824> > [consulta: 20/10/20].
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2006) – Componentes toponímicos típicos de las lenguas paleohispánicas. *Arse*. 40, pp. 17–28.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007) – Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 89–117.

- PÉREZ VILATELA, Luciano (1991) – Plomo ibérico, en escritura jónica, procedente de Sagunto, II: aspectos epigráficos, lingüísticos y culturales. *Arse*. 26, pp. 17–58.
- POCKLINGTON, Robert (2010) – Toponimia ibérica, latina y árabe de la provincia de Albacete. *Al-Basit*. 55, pp. 111–167.
- POCKLINGTON, Robert (2020) – *La Almodema, Chinchilla y el caudal de topónimos de filiación vasca en el sur y este peninsular*. In *Actes de la XII Jornada d'Onomàstica Hispànica. Normalització i Investigació. València 2019*. València: Acadèmia Valenciana de la Llengua, pp. 145–157.
- PONS PUJOL, Lluís (1997) – *Volubilis i els bona vacantia: una síntesi*. *Pyrenae*. 28, pp. 133–149.
- POZO RODRÍGUEZ, Salvador F.; MORENA LÓPEZ, José Antonio (2019) – Una excepcional jarra de bronce romana con forma de cabeza femenina hallada en Torreparedones (Baena, Córdoba). *ROMVLA*. 18, pp. 149–172.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2016) – *The Indo-European names of central Hispania: a study in continental Celtic and Latin word formation*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität.
- QUESADA SANZ, Fernando; GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1995) – Sobre la localización de *Ikale(n)sken* y la iconografía de sus monedas. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. – *La moneda hispànica: ciudad y territorio: actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 65–73.
- RAEPSAET-CHARLIER, Marie-Thérèse (2013) – [Recensão de] Pierre-Henri BILLY, *Dictionnaire des noms de lieux de la France (DNLF)*. Paris, Errance, 2011. 1 vol. 16 x 24 cm, 639 p. (COLLECTION LES HESPÉRIDES). Prix : 39 €. ISBN 978-2-87772-449-4; Xavier DELAMARRE, *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (-500/+500)*. *Dictionnaire*. Arles, Errance, 2012. 1 vol. 16 x 24 cm, 383 p. (COLLECTION LES HESPÉRIDES). Prix: 36 €. ISBN 978-2-87772-483-8. *L'Antiquité Classique*. 82, pp. 509–510.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2001) – Una leyenda monetaria inédita de *Saitabi*. *Saguntum*. 33, pp. 167–170.
- ROBLES MORENO, Jesús; MORENA LÓPEZ, José Antonio; MORENO ROSA, Antonio; QUESADA SANZ, Fernando (2017–2018 [2021]) – *La puerta oriental de Torreparedones (Baena, Córdoba) y sus paralelos en el contexto de las fortificaciones mediterráneas antiguas*. Baena: Ayuntamiento.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002a) [2003a] – Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua íbera. *Arse*. 36, pp. 15–50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002b) [2003b] – The lexeme *a'rs* in the Iberian onomastic system and language. *Beiträge zur Namenforschung*. 37:3, pp. 245–277.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002c) [2003c] – Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypsela*. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002–2003) [2004] – Revisión de algunas lecturas de las inscripciones íberas levantinas no monetarias publicadas en los *Monumenta Linguarum Hispanicarum*. *Pyrenae*. 33–34, pp. 365–373.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2005) – La problemática del sufijo «primario» o «temático» -k- en la lengua íbera y del vocabulario de las inscripciones religiosas íberas. *Faventia*. 27:1, pp. 23–38.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2014) – Nuevo índice crítico de formantes de compuestos de tipo onomástico íberos. *ArqueoWeb*. 15, pp. 81–238 <

- <http://webs.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/15/RodriguezRamos.pdf> > [consulta: 03/04/20].
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel (1986) – El bronce de Ascoli en su contexto histórico. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana, Zaragoza, 1 3 de diciembre de 1983. Actas*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico, pp. 115–135.
- RPC I = BURNETT, Andrew; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (1992) – *Roman Provincial Coinage, I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC–AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- RPC CS = RIPOLLÈS, Pere Pau; BURNETT, Andrew; AMANDRY, Michel; CARRADICE, Ian; SPOERRI BUTCHER, Marguerite (1998) – *Roman Provincial Coinage. Consolidated Supplement I–III (1992–2015)*. Oxford: University < [http://rpc.ashmus.ox.ac.uk/supp/rpc\\_cons\\_supp\\_1-3.pdf](http://rpc.ashmus.ox.ac.uk/supp/rpc_cons_supp_1-3.pdf) >.
- SABATÉ VIDAL, Victor (2020) – La llengua ibèrica a la Ilergècia: una aproximació a l'onomàstica. In TORRES BENET, Miquel; GARCÉS ESTALLO, Ignasi; GONZÁLEZ PÉREZ, Joan-Ramon, eds. – *Projecte Ilergècia: territori i poblament ibèric a la plana ilergeta. Centenari de les excavacions del poblat ibèric del Tossal de les Tenalles de Sidamon (1915–2015). Actes de la XLV Jornada de Treball. Sidamon, 2017*. Sant Martí de Maldà/Riucorb: Grup de Recerques de les Terres de Ponent, pp. 487–508.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2008) – *Izen ttipiak euskaraz*. Bilbao: Euskaltzaindia/Real Academia de la Lengua Vasca.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2019) – Informe sobre el topónimo *Muzqui / Muzki*. *Euskera*. 64:1, pp. 170–175.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi; SALABERRI IZKO, Iker (2020) – Nafarroako toponimia nagusia aztergai: *-oi(t)z, -o(t)z, -(i)(t)z* duten herri izenen inguruan. *Fontes Linguae Vasconum*. 129, pp. 7–38.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909) – Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. 3:3, pp. 237–247.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000) – [Recensão de] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 279–293.
- SILGO GAUCHE, Luis (2001) – Grafitos ibéricos de El Palomar (Oliete, Teruel). *Palaeohispanica*. 1, pp. 347–352.
- SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] – La antroponimia ibérica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 139–155.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015) – La onomástica de la estela de Illescas (*HEp* 4, n.º 889 = AE 1990, n.º 582). *Emerita*. 83:2, pp. 333–346.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2019) – Sobre la inscripción del mosaico de *Ilici* (La Alcudia, Elche). *Palaeohispanica*. 19, pp. 123–144.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2020) – *Nombres ibéricos en inscripciones latinas*. Pisa; Roma: Fabrizio Serra.
- SOUZA, Vasco de (1990) – *Corpus Signorum Imperii Romani: Corpus der Skulpturen der römischen Welt*. Portugal: Coimbra: Universidade.

- TAVERDET, Gérard (2012) – [Recensão de] DELAMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne, dictionnaire. Nouvelle Revue d'Onomastique*. 54, pp. 322–325.
- TORRES GONZÁLEZ, Víctor Andrés (2018) – Colonización y municipalización romana en el Estrecho de Gibraltar durante la época julio-claudia. In ÁLVAREZ MELERO, Anthony; ÁLVAREZ-OSSORIO RIVAS, Alfonso; BERNARD, Gwladys; TORRES GONZÁLEZ, Víctor Andrés, eds. (2018) – *Fretum Hispanicum: nuevas perspectivas sobre el Estrecho de Gibraltar durante la Antigüedad*. Sevilla: Universidad, pp. 139–161.
- TRASK, Robert Lawrence (1997) – *The history of Basque*. London; New York, NY: Routledge.
- UNTERMANN, Jürgen (1976) – Las leyendas monetales. In JORDÁ CERDÁ, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; MICHELENA ELISSALT, Luis, eds. – *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27–31 mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, pp. 213–225.
- UNTERMANN, Jürgen (1979) – Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. – *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 41–67.
- UNTERMANN, Jürgen (1998) – La onomástica ibérica. *Iberia*. 1, pp. 73–85.
- UNTERMANN, Jürgen (2002) [2003] – Dos nuevos textos ibéricos del sur de Francia. *Palaeohispanica*. 2, pp. 355–361.
- VENTURA VILLANUEVA, Ángel; MORENA LÓPEZ, José Antonio; MORENO ROSA, Antonio; MÁRQUEZ MORENO, Carlos (2020) – Las Termas de la Salud en Torreparedones (Baena, Córdoba). In NOGUERA CELDRÁN, José Miguel; GARCÍA ENTERO, Virginia; PAVÍA PAGE, Marta, eds. – *Termas públicas de Hispania. Actas del Congreso Internacional Termas Públicas de Hispania (Museo Arqueológico de Murcia-Museo del Teatro Romano de Cartagena, 19–21 de abril de 2018)*. Murcia: Universidad; Sevilla: Universidad, pp. 709–721.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2009) – *Los vínculos europeos del substrato íbero: substrato en el catalán, origen del vasco, relación con el paleosardo y el georgiano, adstrato celtoligur*. Barcelona: La Busca edicions.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2014–2015) – El origen lingüístico de la antroponimia vasca. *Arse*. 48–49, pp. 103–150.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2015) – *Toponimia ibérica*. Barcelona: Editorial Sunya.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2002) – Indoeuropeos y no indoeuropeos en Cataluña y el Noreste hispano. In *Els substrats de la llengua catalana: una visió actual*. Barcelona: Societat Catalana de Llengua i Literatura, pp. 53–74.
- VILLARONGA I GARRIGA, L. (1998) - *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- VILLEMUR, Patrick (2015) – Une monnaie inédite à légende latine de *Iulia Tingi* en Maurétanie. *Bulletin de la Société Française de Numismatique*. 70:5, pp. 116–121.